

MOEDAS IBÉRICAS NOS CASTROS BRAGANÇANOS

POR F. RUSSELL CORTEZ

Há anos foi-me mostrado um denário de prata com legenda ibérica e que achado fora no Castro do Brunhoso (Mogadouro) à superfície do terreno após uma enxurrada.

A sua legenda em caracteres ibéricos informava-nos que tal moeda fora cunhada em *Segóbrices*, a cidade mais importante da Celtibéria e uma das poucas do interior da meseta às quais os romanos conservaram o direito de cunhar moeda—as que incluídas foram por Hübner no terceiro e quarto período numismático hispano-romano—e cuja cidade foi atacada por Viriato em 140-139.

Como veremos não são raros os achados de moedas ibéricas nas ruínas dos povoados astures da nossa região trasmontana.

Um conhecimento mais perfeito da topologia dos achados destes numismas permitirá o esclarecimento, ainda nebuloso, dos primórdios da romanização e contribuirá para mais firmemente estabelecermos os rumos das relações comerciais entre as diversas zonas culturais hispânicas.

Estes considerandos levaram-me a propositadamente visitar o local do achado.

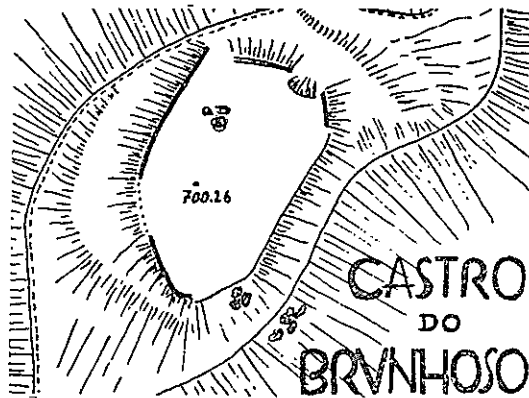
Chegado por uma madrugada inverniça ao Mogadouro, após uma tormentosa viagem de comboio e após um breve descanso consegui do Calejo da Hospedaria um guia e uma alimária que me transportasse a Brunhoso.

Pela madrugada dum 1.º de Novembro esplendoroso de sol inverneiro saí do Mogadouro pousado no albardão do macho do Calejo, em direcção de Alfândega da Fé, sempre acompanhado pelo Carlos, sagaz rapazote que, conversador inveterado, muito me ilucidou sobre a mitografia local.

O ar da madrugada era bem outoniço e quando do dealbar da manhã o dia surgiu cheio de cor, sinfonia de verdes terras e de amarelos, coloração que, por gradações sucessivas, passava por todas as suas cambiantes, até ao castanho.

A paisagem que se desenrolava através dos caminhos velhos era fortemente modulada, o que era de estranhar por estarmos numa área planáltica.

Os caminhos, mais veredas ou trilhos, afeiçoados e alargados pelo continuado rodar dos carros de bois, mal se divisavam, ainda ocultos pela névoa



e chuveiro quando chegamos ao cômoro que domina o povo da freguesia do Brunhoso.

As ruas da povoação pareciam desertas. Viva-alma as calcorreava!... Tudo estava recolhido na Igreja, nos ofícios pelas Almas.

Assisti aos ofícios: curiosa a tradição das oferendas conteúdas em pequenos cestos — de vime muito delgado — cheios de centeio e de trigo para pagar promessas feitas e cuja oferta obrigava que na especialidade, o padre e os seus acólitos responsassem particularmente os mortos queridos dos ofertantes.

Terminados os ofícios pelas almas, falei com o P.^e José, abade da freguesia, depois de que e acompanhado por vários homens do Brunhoso pude visitar o Castro.

As ruínas do antigo povoado estão já muito destruídas pelos trabalhos agrícolas, pelo menos superficialmente, pertencendo a área aos bens paroquiais.

A sua situação privilegiada, sobranceira ao actual povoado, eminente e de encostas bastante inclinadas, o seu aspecto topológico corresponde inteiramente ao topónimo «Crasto» pelo qual é conhecido.

Apesar de bastante revolvido pela relha, pelas sucessivas bessadas, alguns restos de paredes ainda são visíveis, sobretudo do lado Norte, onde aparece numeroso acastelado de blocos, calçados por pedras mais pequenas, formando, talvez que, um parapeito. Semelha um arremedo de muralha ciclópica construída num local menos protegido pela natureza.

São numerosíssimos os vestígios de *tegulae* e *imbrices*, a mor parte deles fragmentados e gastos pela intempérie. De louças domésticas alguns foram os pedaços topados. Pertenceriam a vasos lisos, sem qualquer decoração.

Abundavam as escórias de fundição, as jorras dos fornos de ferro.

Examinei também uma mó circular, de granito.

É tradição terem aparecido engalhados no bico da relha umas argolas de metal—ouro (?)—dizia um, acrescentando que junto surgiram pedaços de louça, porém por mais que fosse procurado nada apareceu pertencente ao resto da vasilha, apesar do fragmento recolhido mostrar uma fractura recente.

Perto, junto duma figueira, diz-me uma mulher que um porco, ao esfolar, puzera a descoberto uma argola de metal brilhante. Sabendo o patrão dela do aparecimento da argola, voltou lá com a serva e encontrou numerosas *argolas enganchadas* (sic). Resolveu deitar a figueira abaixo e então descobriu-se, dentro duma pequena mina, um pote de barro com muitas moedas dentro. Por mais que indagasse não me foi possível rastrear o destino que todos estes objectos levaram.

Todavia pelo que acabamos de descrever e pela moeda—denário ibérico de *Segrobices*—temos que considerar como certas a existência de relações económicas entre as *Aritium* populações astures do vale do Sabor com as da Celtibéria. Estas relações são de resto ampliadas pela notícia do aparecimento doutras moedas ibéricas, em diversos lugares de Terras Bragançanas sitas entre o Sabor e o Douro. Temos delas notícia através da obra do Abade de Baçal.

MOEDAS IBÉRICAS (1)

Peredo da Bemposta—No Cabeço do Came, termo de Peredo da Bemposta, concelho do Mogadouro, encontrou Francisco Guerra uma moeda de prata, de tipo Ibérico, que em Junho de 1930 ofereceu ao Governador Civil do Distrito de Bragança, capitão Tomás Augusto Salgueiro Fragoso e este ao Museu Regional de Bragança. A moeda tem a seguinte legenda em caracteres ditos ibéricos

MEXΓOAE [FS

que corresponde a *Segobriga* ou seja *Cabeza del Griego*.

Sendim de Miranda—No termo desta povoação, concelho de Miranda do Douro, apareceu uma moeda de prata Ibérica (2).

*

Espero ampliar esta nota logo que me seja possível estudar a colecção numismática do Museu Regional de Bragança, colecção que assume destacada importância por ser na sua quase totalidade organizada com achados locais.

(1) Abade de Baçal, IX, 475 e 477.

(2) P.e Belchior da Cruz — Museu Municipal de Bragança, Arch. Porf., III, 155.